A FESTA DO DIVINO DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA: AÇÕES DE HOSPITALIDADE EM UMA FESTA POPULAR

Ana Cláudia Antunes

Marielys Siqueira Bueno

Zenir Costa de Melo Ferreira

RESUMO: Recentemente nota-se uma ampliação do movimento de salvaguarda do patrimônio imaterial, no qual estão inseridas as festas populares. O presente artigo analisa a Festa do Divino em São Luiz do Paraitinga, cidade localizada no Estado de São Paulo – Brasil, por meio do turismo e hospitalidade.

Palavras-chave: Hospitalidade; Turismo; Festa do Divino.

ABSTRACT: Recently it have been noted an extension of safeguarding the intangible heritage, where the popular festivals are located. This paper analyzes the Divine Festival in São Luiz do Paraitinga, a city located in the State of São Paulo - Brazil, from the perspective of tourism and hospitality.

Keywords: Hospitality; Tourism; Divine Festival.

INTRODUÇÃO

No passado assim como hoje em dia, as relações de poder se focavam em rituais que envolviam grande quantidade de comida e bebida. As festas são celebrações de consumo carregadas de intenções políticas e ou religiosas. Em parte, são carregadas porque oferecem comida e bebida em cerimônias enraizadas dentro do idioma compartilhar. Estendendo-se as relações e atividades conduzidas tipicamente dentro da esfera doméstica até esferas mais públicas. A festa é uma forma de dar e tomar, e como tal, é uma via para fazer circular relações de obrigação e de estabelecer relações de desigualdade (JANUSEK, 2005).

Segundo Caponero e Leite (2010, p.102):

> As festas representam momentos da maior importância social. São instantes especiais, cíclicos, da vida coletiva, em que as atividades comuns do dia-a-dia dão lugar às práticas diferenciadas que as transcendem, com múltiplas funções e significados sempre atualizados. As diversas espécies de práticas culturais populares podem ser a ocasião da afirmação ou da crítica de valores e normas sociais; o espaço da diversão coletiva; do repasto integrador; exercício da religiosidade; da criação e expressão de realizações artísticas; assim como o momento da confirmação ou da conformação dos laços de identidade e solidariedade grupal.

Pensando na hospitalidade segundo Perez (2007, p.27), "[...] onde ser hospitaleiro é ser afável, social, cortês e suave", é possível identificar como são hospitaleiros moradores da cidade de São Luiz do Paraitinga, cidade que fica a 170 quilômetros da cidade de São Paulo, com topografia montanhosa, clima temperado de inverno seco e aproximadamente 10 mil e 500 moradores (SÃO LUIS DO PARAITINGA. Prefeitura Municipal, 2015).

A categoria básica da hospitalidade é o acolhimento, o receber o outro, o diferente, em diversas formas e circunstâncias. Dessa forma, a hospitalidade não consiste apenas na organização do ambiente, da festa, da ceia, do repouso, mas sim no acolher o próprio indivíduo – o outro – em seu espaço, em seu sítio de pertencimento (GONÇALVES, 2008).

Entende-se que a hospitalidade presente no município não se restringe a uma oferta apenas comercial de hospedagem e restauração, mas se enquadra no âmbito das relações humanas, como destacado nos estudos da escola inglesa, que percebem a hospitalidade como relação sujeita a regras e padrões que vão além das relações contratuais, para que se possa atender aos interesses do hóspede e do hospedeiro (GONÇALVES, 2008).

A localização da cidade, relativamente isolada dos fluxos de modernização que se desenvolveram nas margens da Rodovia Presidente Dutra, durante o século XX, permitiu a manutenção de seus traços tradicionais, configurados em um ambiente cultural de expressiva formação caipira, onde a presença irregular de missionários católicos, até o fim do período Imperial, influenciou a difusão de uma "cultura bíblico-católica" que se manifesta na crescente exteriorização da fé, em modelos devocionais diversos. E um desses modelos se organizou em torno da devoção e das festividades ao Divino Espírito Santo (LOPES, 2011).

Atualmente a cidade é uma estância turística, com seu patrimônio arquitetônico de aproximadamente 450 imóveis declarados de interesse paisagístico pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) no Estado de São Paulo e recentemente pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), entre estes imóveis estão a Capela de Nossa Senhora das Mercês que foi construída em taipa no fim do século XVII e ainda mantêm as características da época, a casa do Dr. Oswaldo Cruz,

construída em 1834, em taipa de pilão e paredes internas de pau-a-pique, a igreja Matriz, a igreja do Rosário e o mercado municipal (SÃO LUIS DO PARAITINGA. Prefeitura Municipal, 2015).

Esse patrimônio arquitetônico e as manifestações culturais atraem milhares de turistas anualmente, a cidade tem um calendário de atividades que é divulgado pelo site oficial da prefeitura do município, que é utilizado para atração dos turistas, as duas principais festas populares da cidade são o carnaval e a festa do Divino, que atraem os jovens e suas famílias.

A festa do Divino Espírito Santo de São Luiz do Paraitinga, mantém, na atualidade, muitos elementos típicos da cultura popular, destacando a constituição de uma fortalecida identidade local, a presença da oralidade e uma memória pautada em padrões coletivos e elementos altamente simbólicos e agregadores (SANTOS, 2008).

A importância do evento na região assenta-se na sustentação de uma rede de relações entre pessoas, grupos familiares e bairros rurais da região. Essa rede sustenta agenciamentos de recursos sociais diversos, para além da esfera religiosa (GONÇALVES, 2008).

SÃO LUIZ DO PARAITINGA: A CIDADE, SUA HISTÓRIA E A VOCAÇÃO PARA O TURISMO

Segundo o site oficial da prefeitura do município, São Luiz do Paraitinga se originou por ser um antigo pouso de tropeiros e entreposto comercial que foi construído entre as cidades de Taubaté e Ubatuba, transformou-se em cidade em 08 de maio de 1769, pelo sargento-mor Manuel Antônio de Carvalho, e desde então teve como padroeiros Nossa Senhora dos Prazeres e São Luiz de Tolosa (SÃO LUIS DO PARAITINGA. Prefeitura Municipal, 2015).

O município, em 1873 recebeu o nome de Imperial Cidade de São Luiz do Paraitinga, por estar à margem do rio Paraitinga e até hoje mantêm sua arquitetura colonial, do século XIX, os casarões que apresentam características do ciclo do ouro e do café, tem um estilo único que representa o período e é hoje o maior patrimônio arquitetônico colonial de São Paulo (SANTOS, 2008).

Patrimônio formado por 437 edificações preservadas na área urbana, todas tombadas pelo CONDEPHAAT, abriga, até hoje, muitas das famílias de seus ascendentes, o que garante valor histórico e cuidado na conservação (SANTOS, 2008).

Esse patrimônio também está distribuído pela zona rural, onde ainda é possível encontrar fazendas centenárias com suas sedes feitas em taipa, paredes caiadas de branco e azul (SÃO LUIS DO PARAITINGA. Prefeitura Municipal, 2015).

A cidade tem uma população aproximada de dez mil e quinhentos habitantes, um relevo montanhoso e clima temperado de inverno seco. Sua principal fonte de receitas são a pecuária, atividades rurais e o turismo. Possuidora de muitos atrativos naturais, entre eles o Parque Estadual da Serra do Mar, o Núcleo Santa Virginia onde os turistas mais dispostos podem percorrer trilhas ecológicas, sendo 5 no total, além de cachoeiras e quedas d`água (SANTOS, 2008).

Devido a essa potencialidade de belezas naturais, atividades culturais e o patrimônio histórico, São Luiz do Paraitinga recebeu a chancela de Estância Turística em julho de 2002. Em dezembro de 2010, foi reconhecida como Patrimônio Histórico Nacional, pelo IPHAN, com isso a cidade vem se preparando para receber os visitantes (SÃO LUIS DO PARAITINGA. Prefeitura Municipal, 2015).

Atualmente existem 23 pousadas, 10 restaurantes e 3 operadoras de ecoturismo. Tudo para tornar a experiência do visitante completa e agradável (SÃO LUIS DO PARAITINGA. Prefeitura Municipal, 2015).

A FESTA DO DIVINO

> Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.
> Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil. Porque a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência.
> E a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar.
> E a outro a operação de maravilhas; e a outro a profecia; e a outro o dom de discernir os espíritos; e a outro a variedade de línguas; e a outro a interpretação das línguas.
> Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer.

> Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito.
> Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos (CATECISMO, 2012, p.215).

Na fé católica o Divino Espirito Santo, que é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, que é formada pelo Pai, pelo Filho e pelo Divino Espirito Santo, possui e traz, para os que nele se valem, os sete dons do Espirito que, segundo o Catecismo (2012, p. 218) são:

- **Fortaleza:** A virtude que nos propicia coragem para enfrentar as tentações e dificuldades da vida e também firmeza de caráter nas perseguições e tribulações causadas por nosso testemunho cristão.
- **Sabedoria:** O sentido da sabedoria humana reside no reconhecimento da sabedoria eterna de Deus. Permite-nos entender, experimentar e saborear as coisas divinas, para poder julgá-las retamente.
- **Ciência:** Nos torna capazes de aperfeiçoar a inteligência, onde as verdades reveladas e as ciências humanas perdem a sua inerente complexibilidade. Segundo a fé cristã todo o saber vem de Deus.
- **Conselho:** Permite à alma o reto discernimento e santas atitudes em determinadas circunstâncias. Nos ajuda a sermos bons conselheiros, guiando o irmão pelo caminho do bm.
- **Entendimento:** Torna nossa inteligência capaz de entender intuitivamente as verdades reveladas e naturais, de acordo com o fim sobrenatural que possuem. A aparente correlação não significa que quem possui a sabedoria, já traga consigo o entendimento por consequência (ou vice-versa). Existe uma clara distinção entre um e o outro.
- **Piedade:** É uma graça de Deus na alma que proporciona salutares frutos de oração e práticas de piedade ensinadas pela Santa Igreja.
- **Temor de Deus:** Teme a Deus quem procura praticar os seus mandamentos com sinceridade de coração. Como nos diz as Escritura, devemos buscar em

primeiro lugar o reino de Deus, e o resto nos será dado por acréscimo. O mundo muitas vezes sufoca e obscurece o coração.

Devido toda essa fé no Divino Espirito Santo a festa do Divino é uma das principais festividades católicas e acontece nos meses de maio ou junho e isso varia devido ao calendário cristão, pois o principal dia da festa é o dia de Pentecostes, que acontece exatamente 40 dias após a Pascoa (CATECISMO, 2012).

A origem dessa celebração no Brasil, como de outras celebrações religiosas que acontecem por aqui, é portuguesa. Em Portugal no século XIV, já era festejada a terceira pessoa da Santíssima Trindade, e nesse dia eram oferecidos banquetes coletivos com distribuição de alimento e esmolas aos pobres.

Segundo registros históricos do filosofo, ensaísta e poeta português Agostinho da Silva, a festa do Divino foi instituída pela Rainha Isabel de Aragão, por volta de 1320, como pagamento de uma promessa para retorno da paz a sua família. A rainha teria prometido ao Divino Espirito Santo peregrinar com uma cópia da coroa e uma pomba branca (símbolo do Espirito Santo), pelo mundo em busca de esmolas e donativos que seriam destinados aos pobres. Assim se fez, e nas festas de hoje as bandeiras do Divino Espirito Santo, nas diversas localidades onde a festa acontece, circulam as cidades e zonas rurais locais, esmolando e pedindo donativos para a festa (ALMEIDA, 1987).

Na cidade de São Luiz do Paraitinga é escolhida pelo padre, da cidade, uma família ou duas como responsáveis pela festa do Divino e como guardiões da bandeira do Divino, e esses festeiros levam a bandeira para pouso nas casas dos fiéis que solicitam essa visita.

A bandeira do Divino, é uma bandeira com a imagem de uma pomba branca que representa o Divino Espirito Santo, normalmente é vermelha e ornamentada com fitas (ALMEIDA, 1987).

A família de festeiros é responsável por contatar as famílias católicas e agendar as datas para que a bandeira visite a sua casa, segundo a fé, receber a bandeira do Divino em casa é receber o próprio Deus, por esse motivo essa é uma noite de festas e de convivência.

Assim, a festa reproduz não somente as tradições rituais, senão também uma ordem de relações especializadas entre os atores locais, dispostas em uma hierarquia coletivamente estabelecida e legitimada, na qual a negociação constante entre os atores institucionalizados eclesiais e leigos orientam as pautas de ação do projeto de promoção do evento (SCHUTZ, 2003).

A família que recebe o Divino convida seus amigos, vizinhos e conhecidos para, juntos, receber o Divino e para a oração do terço, depois da oração todos confraternizam, conversam, convivem e a família, num sinal de hospitalidade, oferece a todos “a janta”, que pode, dependendo do número de pessoas, ser um jantar ou uma festa, com os alimentos mais apreciados por aquele grupo, feito de maneira caprichada e abundante. Dependendo onde está acontecendo o pouso, se for na zona rural ou local de difícil retorno para os participantes, a família também oferece a hospedagem por aquela noite a todos, essa hospedagem chamada de pouso, também oferece o café da manhã do dia seguinte e por vezes até o almoço.

Além dessa hospedagem e alimentação para os acompanhantes da bandeira e os participantes do terço do Divino a família também doa, o que pode ou deseja, para a festa do Divino. Alguns doam sacos de batata, cabeças de gado, galinhas, porcos, dinheiro, etc.

Os animais ficam confinados e já reservados para serem abatidos nos dias que antecedem a festa, os demais alimentos, que não são perecíveis, são armazenados ou na própria casa da família doadora, que entrega, também na véspera da festa ou em um espaço da igreja ou alugado para guarda das prendas do Divino (ALMEIDA, 1987).

Os diversos momentos da festa, momentos principais e momentos secundários, parecem todos demarcados por formas especificas de preparação, apresentação, distribuição e consumo de alimentos. A fartura no que se refere a comidas e bebidas assinala simbolicamente esse tempo renovado, esse tempo de generosidade em que o cosmos e a natureza oferecem seus frutos. Em outras palavras, nessa mediação entre um tempo de escassez e um novo tempo de fartura, o "sistema culinário" parece desempenhar um papel simbolicamente decisivo (GONÇALVES, 2008).

O prato típico da festa do divino é o afogado, um cozido de carne com batatas que é servido com arroz branco e uma farofa feita com farinha de mandioca. As doações que não são utilizadas no preparo dessa comida que será distribuída são leiloadas ou vendidas para arrecadar dinheiro que será usado para financiar parte da festa (SCHUTZ, 2003).

Um detalhe importante nesse processo de abate de animais, e preparo desses alimentos é que todo o trabalho é voluntário, todos trabalham, também, como uma doação para o divino.

> No mito de origem da festa, o que sobressai é a categoria da redistribuição em sua forma eminentemente hierárquica: uma festa instituída por uma rainha com o propósito de alimentar os pobres, como forma de pagamento por uma graça alcançada pela intervenção do Espírito Santo. Essa dimensão da generosidade e da redistribuição é central na organização e realização da festa. Nela sobressaem não somente a redistribuição norteada pelo valor "generosidade" como também as formas de preparação, apresentação e consumo de comida – sem falar nas formas com que se lida com os "restos", que são obrigatoriamente redistribuídos aos pobres ou entregues para orfanatos, hospitais, etc. (GONÇALVES, 2008, p. 35).

Durante o período da festa, que em 2015 acontece de 15 de maio à 24 de maio, serão servidos esses alimentos na “janta” para moradores da cidade de São Luiz e para todos os visitantes, estimasse que serão aproximadamente 2000 pessoas por dia (SÃO LUIS DO PARAITINGA. Prefeitura Municipal, 2015).

Tudo que é feito para a festa do divino é feito por doação, os festeiros (guardadores da bandeira do divino) trabalham aproximadamente um ano, fazendo contatos, agendando visitas e indo a todos os pousos para levar a oração e esmolar pelo Divino e assim fazer a arrecadação das prendas para a festa, e fazendo a programação do evento e o controle dos recursos arrecadados, além deles, os trabalhadores que montam as estruturas para a festa, os peões que carregam e abatem os animais, os cozinheiros, as pessoas que servem a alimentação, todos estão doando sua força de trabalho para o Divino.

Segundo a Sra. Maria Ferreira, conhecida na cidade como Fia, as pessoas doam por fé, por amor ao Divino, por tradição, por gostar de participar e de ajudar as outras pessoas e por gostar de receber e de conviver, confirmando a teoria de Gonçalves (2008) onde na ideologia dos devotos, a festa é realizada para agradar o

Divino Espírito Santo, a partir do momento em que se faz alguma “promessa” ou quando se pretende retribuir alguma “graça” recebida. Essas são noções nativas por meio das quais se expressa de modo sensível a relação de troca entre os devotos e o Divino Espírito Santo. Essa relação é interpretada por meio das categorias da dádiva e da contra dádiva, estabelecendo-se simbolicamente uma relação permanente com o Espírito Santo. O trabalho individual e coletivo envolvido no conjunto das atividades de preparação e realização das festas deve ser interpretado como parte desse intenso e permanente circuito de trocas.

Ainda segundo os moradores da cidade de São Luiz do Paraitinga é possível afirmar que a Festa do Divino não se trata apenas de uma festa religiosa e popular, mas que essa tradição religiosa pode ser descrita como muitas festas do Divino, em cada casa, cada chegada da bandeira na cidade ou na zona rural, e em cada uma dessas festas existe uma família hospitaleira, que recebe, alimenta e diverte seus hospedes, além da questão da reciprocidade, pois conforme a bandeira vai de casa em casa, um dia uma família é hospede e na outra é anfitriã.

Assim, as categorias da dádiva e da contra dádiva estendem-se de forma difusa a todo o conjunto de ações e modalidades de trabalho realizadas pelos membros da comunidade de devotos ao longo de todo o ano. Todas as ações que direta ou indiretamente venham a contribuir para a realização da festa (sejam realizadas por homens, mulheres, por jovens, crianças ou idosos) são classificadas como “trabalho para o Divino”. Há evidentemente os que reconhecidamente trabalham mais ou trabalham menos; mas todo o conjunto de ações realizadas adquire esse status de trabalho voltado para o Divino (GONÇALVES, 2008).

A hospitalidade da família e a dádiva a leva a receber e fazer a doação da prenda para a festa, são motivos para manter a convivência e as relações entre os moradores de São Luiz do Paraitinga e a tradição da festa viva.

A realidade com a qual nos deparamos, portanto, foi a da valorização da cultura popular tradicional, no caso do Vale, a cultura caipira, com suas congadas e moçambiques, culinária típica, festas e artesanatos (LOPES, 2011).

Todo esse clima hospitaleiro atrai para a cidade, durante o período da festa, muitos turistas que se tornam visitantes habituais, depois de se encantar com a cidadezinha e suas inúmeras possibilidade de lazer.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. **Foliões:** Festas em São Luís de Paraitinga na Passagem do Século (1888-1918). 1987. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

CAPONERO M. C., LEITE E. **Patrimônio: Lazer & Turismo**, Santos, v.7, n.10, p. 99-113, jun. 2010.

CATECISMO da Igreja Católica. Pontifício Conselho para Promoção da Nova Evangelização**. Ano da Fé 2012/2013.** Disponível em: <http://www.annusfidei.va/content/novaevangelizatio/pt/credo/catechismo-hiesa-cattolica.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2015.

GONCALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia. Entre o Divino e os Homens: A Arte nas Festas do Divino Espírito Santo. **Horiz. Antropol.** 2008, vol.14, n.29, pp. 67-94. ISSN 0104-7183.

JANUSEK, John. Consumiendo El Estado: Política Comensalista en una Antigua Entidad Política Andina. **Textos Antropológicos,** La Paz, ano 15, n. 2, p. 51-59, 2005.

LOPES, J. R. O Divino, o Patrimônio e a Cidade: Uma Análise de Modulações Culturais Provocadas por Eventos Críticos. **Revista Ciências Sociais Unisinos,** n. 47 (3), p. 208-2017, dez 2011.

PÉREZ, D. O. Os Significados dos Conceitos de Hospitalidade em Kant e a Problemática do Estrangeiro. **Revista Philosophica**, Valparaíso, n. 31, p. 43-53, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA. **Calendário.** São Luiz do Paraitinga, 2015. Disponível em: <http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/site/calendario/>. Acesso em: 08 mai. 2015.

SANTOS, J. R. C. C. **A Festa do Divino de São Luiz do Paraitinga:** O Desafio da Cultura Popular na Comtemporaneidade. 2008. Dissertação – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2008.

SCHUTZ, A. **El Problema de la Realidade Social**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2003.